



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA-ÁREA DE APROFUNDAMENTO
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

MARIA DA PENHA DA SILVA NASCIMENTO

**CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DAS MULHERES DO CAMPO: O CASO DO
PROJETO “TRANSFORMANDO REALIDADES”**

JOÃO PESSOA – PB 2024

MARIA DA PENHA DA SILVA NASCIMENTO

**CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DAS MULHERES DO CAMPO: O CASO DO
PROJETO “TRANSFORMANDO REALIDADES”**

Trabalho de conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo, no período de 2024.1, como exigência para obtenção do título de Licenciatura, ministrado pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB – Campus I, João Pessoa-PB, sob orientação do professor. Prof. Dr. Breno Henrique de Sousa.

JOÃO PESSOA - PB / 2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244c Nascimento, Maria da Penha da Silva.

Construção da autonomia das mulheres do campo: o caso do projeto "Transformando Realidades" / Maria da Penha da Silva Nascimento. - João Pessoa, 2024.

44f. : il.

Orientação: Breno Henrique de Sousa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - aprofundamento em Educação do Campo) - UFPB/CE.

1. Educação do Campo. 2. Autonomia feminina. 3. Juventude no campo. I. Sousa, Breno Henrique de. II. Título.

UFPB/CE

CDU 376.7(043.2)

Maria da Penha da Silva Nascimento

CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DAS MULHERES DO CAMPO: O CASO DO PROJETO “TRANSFORMANDO REALIDADES”

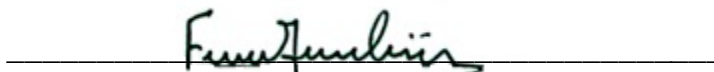
Trabalho de conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo, no período de 2024.1, como exigência para obtenção do título de Licenciatura, ministrado pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB – Campus I, João Pessoa-PB, sob orientação do professor. Prof. Dr. Breno Henrique de Sousa.

Aprovado em: 04/11/2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Breno Henrique de Sousa
Orientador



Examinador (a) interno
Prof. Dra. Francisca Alexandre de Lima - DEC – CE - UFPB



Examinador (a) interno
Prof. Gislaine da Nobrega Chaves – DEC - CE - UFPB

À minha mãe Maria de Lourdes da Silva, que por tanto me amar, me ouve e me apoia imensamente e me deu confiança em prosseguir e sempre superar os obstáculos. Não tive medo de seguir como também não tenho medo de continuar. A ela dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida, e diariamente renovar minhas forças para continuar no caminho.

Ao meu esposo Anderson Ascendino, agradeço imensamente pelo apoio em toda essa jornada que trilhamos juntos que me acompanhou de perto em todos os desafios e que me ajudou sem pestanejar, obrigada de todo coração.

Ao meu filho Matias Ascendino, que mesmo tão pequeno, apenas com seu olhar, renovava minha energia e faz brotar em mim uma força que nem eu imaginava que existia. A você meu filho dedico os meus esforços diários.

A minha mãe que é minha base. Agradeço a minha irmã que está sempre presente ao meu lado me incentivando em minha vida acadêmica e no que eu me proponha a fazer, nós três somos uma só e será sempre assim.

A minha tia querida Maria do Carmo que sempre foi como minha segunda mãe, cuidando de mim e me apoiando, e toda a minha família que é meu alicerce, obrigada pelo incentivo, cuidado e dedicação que sempre tiveram por mim.

Agradeço ao meu Orientador Professor Breno Henrique de Sousa que me motivou. Esteve sempre presente e solícito quando precisei, agradeço de coração pela disponibilidade e paciência durante esse processo.

Aos meus amigos, agradeço pela compreensão nesse tempo de ausência, em especial Breno Assis e Ana Sara Medeiros que estão comigo desde o início da graduação, e também In Memoriam ao nosso amigo José Antônio que teve sua breve passagem aqui na terra, mas deixou sua marca em nossos corações.

E por fim, a todos os meus professores que fizeram parte desse processo de formação acadêmica, desde a Educação Infantil até aqui, em especial a Professora Edineide Jezine responsável pela execução da disciplina ligada ao trabalho de conclusão de curso que contribuiu no processo de conclusão deste trabalho.

“A mulher é uma flor que se estuda, como a flor do campo, pelas suas cores, pelas suas folhas e sobretudo pelo seu perfume”. (José de Alencar)

RESUMO

A Educação do Campo é um dos caminhos trilhados para o fortalecimento da autonomia do jovem do campo. A partir disso foi abordado nesta pesquisa a temática de jovens mulheres e a sua permanência no âmbito rural e na agricultura familiar, combinando assim a problemática da construção da autonomia feminina. Desse modo, este trabalho analisou a contribuição do projeto Transformando Realidades: Juventude do Agreste e Curimataú Paraibano Cuidando da Biodiversidade, na cidade de Alagoa Nova- PB desenvolvido pela Associação Cultural e Agrícola dos Jovens Ambientalistas da Paraíba (ACAJAMAN-PB) no desenvolvimento da autonomia feminina no campo, com o intuito de possibilitar a permanência dessas alunas em suas comunidades locais para desenvolver as habilidades que foram adquiridas. O tipo de pesquisa foi Exploratória/Descritiva, sendo ainda classificada como Estudo de Caso. A estratégia metodológica utilizada foi a coleta de dados em campo delineado na forma de levantamento simples, sendo desenvolvida uma análise de dados e estudos realizados em torno do projeto. A partir dos resultados, ficou claro que o objetivo de dar visibilidade e destacar as experiências de jovens mulheres na agricultura, contribuindo para sua autonomia, colaborando na formação de novos agricultores, é alcançado. Com isso, destacamos a importância da mulher no campo, a construção da sua autonomia, sua devida qualificação, como também a fomentação da sucessão na agricultura familiar gerida por mulheres.

Palavras-Chave: Educação do Campo; Autonomia feminina; Juventude no campo.

RESUMEN

La Educación Rural es uno de los caminos tomados para fortalecer la autonomía de los jóvenes rurales. A partir de aquí, se abordó en esta investigación el tema de las mujeres jóvenes y su permanencia en el medio rural y la agricultura familiar, combinando así la cuestión de la construcción de la autonomía femenina. Así, este trabajo analizó la contribución del proyecto Transformando Realidades: Juventude do Agreste y Curimataú Paraibano Cuidando la Biodiversidad, en la ciudad de Alagoa Nova-PB, desarrollado por la Asociación Cultural y Agrícola de Jóvenes Ambientalistas de Paraíba (ACAJAMAN-PB) en el desarrollo de la autonomía femenina en el campo, con el objetivo de permitir que estas estudiantes permanezcan en sus comunidades locales para desarrollar las habilidades adquiridas. El tipo de investigación fue Exploratoria/Descriptiva, y también se clasifica como Estudio de Caso. La estrategia metodológica utilizada fue la recolección de datos en campo planteada en forma de encuesta simple, realizándose análisis de datos y estudios en torno al proyecto que se desarrolla. De los resultados quedó claro que se ha logrado el objetivo de dar visibilidad y resaltar las experiencias de las mujeres jóvenes en la agricultura, contribuyendo a su autonomía, colaborando en la formación de nuevos agricultores. Con esto, destacamos la importancia de la mujer en el campo, la construcción de su autonomía, su adecuada calificación, así como la promoción de la sucesión en la agricultura familiar gestionada por mujeres.

Palabras clave: Educación Rural; Autonomía femenina; Jóvenes en el campo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Centro cultural da ACAJAMAN – PB, Associação cultural e agrícola dos jovens ambientalistas da Paraíba.	19
Figura 2 - Viveiro de mudas localizado na sede da ACAJAMAN – PB.	22
Figura 3 - Membros que participam do projeto Transformando Realidades.	25

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO	14
2.2 SUCESSÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR	16
2.3 MULHERES NO CAMPO E A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO	17
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6. REFERÊNCIAS	32
7. APÊNDICES	40

1. INTRODUÇÃO

A Educação do Campo tem suas raízes em torno das mobilizações dos movimentos sociais que influenciaram nas propostas educativas da educação voltada para os trabalhadores do campo, nascida de lutas constantes que envolvem a defesa de uma educação apropriada para os povos que neles estão inseridos.

As lutas no campo brasileiro têm início com processo de invasão e colonização portuguesa. Os movimentos se originam dos conflitos em torno da luta por terra, mas também se rebelam contra as relações sociais de produção marcadas pela exploração, pela denominação e degradação da pessoa humana, como a escravidão, contra a negação da cidadania, pelos direitos sociais e trabalhistas, pelo reconhecimento das diferentes culturas. Essas múltiplas demandas envolveram diferentes sujeitos, índios, negros, caboclos, agricultores, escravos, ferreiros, barqueiros. O que denota que a resistência dos povos oprimidos e despossuídos estiveram presentes ao longo da história brasileira, nos períodos colonial, monárquico e republicano e é um dos elementos de identidade política do povo. (Batista, 2006, p. 130).

A Educação do Campo valoriza as práticas pedagógicas em torno das vivências socioculturais sempre pautadas na valorização dos indivíduos que ali estão inseridos. Como afirma Caldart (2009),

Os protagonistas do processo de criação da Educação do campo são os ‘movimentos sociais camponeses em estado de luta’, com destaque aos movimentos sociais de luta pela reforma agrária e particularmente ao MST. O vínculo de origem da Educação do campo é com os trabalhadores ‘pobres do campo’, trabalhadores semterra, sem trabalho, mas primeiro com aqueles já dispostos a reagir, a lutar, a se organizar contra ‘o estado da coisa’, para aos poucos buscar ampliar o olhar para o conjunto dos trabalhadores do campo (p. 40 – 41).

A Educação do Campo surge em contraposição ao modelo que é caracterizado como Educação Rural onde “o entendimento da construção da identidade desses sujeitos pressupõe a lógica da invisibilidade, ou seja, eles estão presentes nos lugares educativos, mas não possuem suas especificidades reconhecidas.” (Rangel; Carmo, 2013, p. 208).

A Educação Rural seguia um modelo tradicional que não considerava as particularidades do campo, muitas vezes reproduzindo a lógica urbana e incentivando a migração para a cidade, onde tende a reduzir os sujeitos e os contextos socioambientais em que estão inseridos à lógica mercadológica, como afirma Pinheiro.

A expressão educação rural está relacionada a uma postura encadeada pela concepção positivista, mercadológica, competitiva, capitalista, na qual a política de educação

direciona para uma formação pragmática, que instrui o indivíduo para desenvolver atividades no mundo do trabalho. Transforma a força de trabalho humana em objeto, coisa, mercadoria. É a ‘coisificação’ e desumanização do sujeito (Pinheiro, 2007, p. 08).

“Os povos do campo e da floresta têm como base de sua existência o território, onde reproduzem as relações sociais que caracterizam suas identidades e que possibilitam a permanência na terra” (Fernandes; Molina, 2004, p. 8).

Segundo Cordeiro e Martins (2020) a Educação do Campo enquanto instrumento de formação de uma população que durante muito tempo esteve esquecida, sempre foi objeto de grandes debates, enfatizando a importância das lutas que foram protagonizadas pelos movimentos sociais do campo, com o foco voltado ao desenvolvimento social, da sustentabilidade e respeito à diversidade e subjetividades de seus sujeitos.

“O objetivo da Educação do Campo, na perspectiva dos movimentos sociais populares do campo, está direcionado a formação dos trabalhadores dispostos a reagir contra a ordem do capital” como afirma (Caldart, 2009 apud Cordeiro; Martins, 2020, p.2).

Uma problemática neste campo seria o “questionamento por parte dos jovens rurais, sobretudo pelas filhas dos agricultores, sobre sua condição social marcada pela falta de autonomia e de oportunidades de renda” (Stropasolas, 2019, p 26.).

Nesse contexto as mulheres do campo são especialmente penalizadas como afirma Castro (2016, p. 200). “Para muitos jovens, viver no mundo rural, hoje, ainda significa enfrentar barreiras para sua autonomia e suas possibilidades de escolha.”

A reafirmação da sucessão é vinculada a um modelo de desenvolvimento, ou seja, mais do que direito à produção e políticas de crédito; é o acesso a direitos plenos, ao lazer, à cultura, ao esporte, à saúde e educação, contextualizando-se às diferentes realidades e diversidades. Nesse sentido, a gente quer afirmar o contexto das jovens mulheres, que têm saído do campo tentando construir uma possibilidade de arranjo que supere esse contexto machista e patriarcal, em que elas nunca ou pouco são consideradas, seja no processo produtivo, seja na definição da organização da unidade familiar. Afirmar processos que considerem as jovens mulheres enquanto sujeito participativo, como atriz da mudança. Quando se fala de participação social, a gente quer pensar num desenho institucional que assegure a voz e a vez da juventude e dos diferentes segmentos que constroem essa classe, na sua diversidade (Menezes; Stropasolas; Barcellos, 2014, p. 41).

Herrera (2016, p.208) acredita que “a situação de desigualdade de gênero no meio rural está relacionada com a naturalização do papel do homem e da mulher, que está vinculada à relação hierárquica dentro das famílias rurais, cuja base se ancora na divisão social do trabalho”.

Através do cotidiano que esses sujeitos estão condicionados se reproduz a situação de desigualdade por suas vivências.

O interesse em analisar as estratégias de reprodução social da agricultura familiar decorre, por um lado, dos elevados índices migratórios do meio rural em direção às cidades, com destaque para os jovens e mulheres, o que implica no crescente processo de envelhecimento da população e masculinização do campo. Por outro lado, pelo aumento dos problemas ligados à sucessão geracional nos estabelecimentos familiares, que acabam por colocar em risco a manutenção e reprodução social da agricultura familiar enquanto categoria social. E, principalmente, pela falta de reconhecimento do trabalho desempenhado pelas mulheres rurais no âmbito da agricultura familiar (Herrera, 2016, p.218).

Fortalecer a agricultura familiar local trata-se de evidenciar a importância do sujeito do campo, sabendo-se que segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário a agricultura familiar é a maior responsável pela produção de alimentos no país (MDA, 2016).

Lançar um olhar em torno das jovens mulheres do campo e a sua permanência no âmbito rural e na agricultura familiar, é pertinente tendo em vista os desafios enfrentados por elas durante esse processo, combinando assim a problemática da construção da autonomia feminina nesse contexto, para que possam desenvolver atividades ligadas a agricultura em suas propriedades.

Considerando a relevância deste tema, desenvolveu-se esta pesquisa na Associação Cultural e Agrícola dos Jovens Ambientalistas da Paraíba - ACAJAMAN, fundada em 03 de janeiro de 2009. A associação está localizada no sítio Santo Antônio em Alagoa Nova. A ACAJAMAN é uma Organização Não Governamental que surgiu a partir de jovens que participavam da Casa Familiar Rural e gostariam de dar continuidade ao trabalho no campo e evitar o êxodo rural, possibilitando-lhes desenvolver um trabalho no campo e ter melhor qualidade de vida. O trabalho da ACAJAMAN atualmente é desenvolvido com crianças e jovens, envolvendo assistência social, cultura e arte. O Projeto que está sendo desenvolvido atualmente e que foi o objeto de estudo deste trabalho é o projeto “Transformando Realidades: Juventude do Agreste e Curimataú Paraibano Cuidando da Biodiversidade”, composto por oficinas, formações e ações voltadas para a preservação ambiental a partir da produção e doação de mudas com o incentivo ao plantio, reflorestamento e arborização. O público alvo principal são os jovens da região. De acordo com a assessora técnica do projeto, enfrenta-se dificuldades no trabalho com o jovem do campo, pela falta de incentivo às atividades rurais. O projeto vem justamente

sanar essa necessidade e dar oportunidade ao jovem do campo de poder propagar o trabalho com a terra, e construir essa autonomia através da oportunidade da vivência no campo da agricultura familiar.

Por meio de autorização e entrevista concedida pela assessora técnica do projeto e coordenadora do coletivo de agroecologia da associação, foi discutido sobre a autonomia das mulheres no trabalho da agricultura. Buscou-se verificar se o projeto está contribuindo para autonomia dessas mulheres, construindo espaços de oportunidade para o trabalho no campo, geralmente dominado pelo público masculino, possibilitando a permanência das mesmas nesse meio e contribuindo para o desenvolvimento daquela comunidade. Consequentemente chegamos a seguinte questão de estudo: De que forma o projeto “Transformando Realidades”, fortalece a autonomia do trabalho feminino e contribui para a permanência dessas alunas no campo?

Consequentemente o objetivo geral desta pesquisa foi analisar como o projeto “Transformando Realidades”, realizado na ACAJAMAN – PB, contribui para o desenvolvimento da autonomia das jovens mulheres no campo – discentes do ensino fundamental, especificamente no Sítio Antônio em Alagoa Nova – PB.

A partir desse objetivo geral, foram elencados três objetivos específicos no decorrer da pesquisa:

- Verificar se a concepção da ACAJAMAN – PB contempla especificamente a questão da permanência das jovens mulheres rurais no campo;
- Analisar essa mesma contribuição no âmbito do Projeto Transformando Realidades;
- Identificar o impacto desse projeto no interesse das alunas em permanecer no campo e na atividade agrícola.

O primeiro item desta pesquisa corresponde a esta introdução, abarcando a definição do tema, problemática do estudo, objetivo geral e específicos. Em seguida, à fundamentação teórica na qual a pesquisa se sustenta, discutindo as temáticas: Educação do Campo, Sucessão na Agricultura Familiar, Mulheres no Campo e a Divisão Social do Trabalho.

Em sequência está a apresentação dos procedimentos metodológicos, discorrendo os métodos utilizados na pesquisa, como funciona o projeto Transformando Realidades, os resultados do estudo e tecidas considerações sobre esse momento, contextualizando como é realizado o projeto em questão, seguido da análise do espaço empírico da pesquisa como também

apresentando as protagonistas do estudo. Lançamos um olhar sobre seus anseios e perspectivas quanto à permanência e a autonomia feminina no meio rural. Por fim, serão apresentadas as considerações finais do estudo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta fundamentação teórica está disposta em quatro tópicos. Iniciou-se com o tema primordial de estudo do curso que é a ¹Educação do Campo e dentro desse tema discorreremos sobre a ²Sucessão na Agricultura Familiar, as ³Mulheres no Campo e a Divisão Social do Trabalho. Estudando todo o debate em torno das temáticas abordadas, direcionando a análise do projeto Transformando Realidades para o desenvolvimento da autonomia do trabalho feminino no campo da agricultura familiar.

2.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO

“A Educação do Campo nasce da luta constante da sociedade brasileira em defesa de uma educação apropriada e contextualizada com a realidade do campo, por isso mesmo a escola precisa ser uma construção coletiva [...]” (Batista, 2011, p.277).

Durante o processo educativo o sujeito é considerado como um todo, o seu cognitivo, como também o social que se refere ao lugar de onde vem em todo o seu contexto de relações sociais.

A identidade da escola do campo é definida por sua vinculação com a realidade local, baseando-se em: Saberes e temporalidade dos estudantes, Memória coletiva, Rede de ciência e tecnologia, Movimentos sociais. (Resolução CNE/CEB 01,2002).

Segundo Molina; Jesus (2004, p.12) “a Educação do Campo faz o diálogo com a teoria pedagógica desde a realidade particular dos camponeses, mas preocupada com a educação do conjunto da população trabalhadora do campo e, mais amplamente, com a formação humana”.

“A Educação do Campo vem sendo criada pelos povos do campo. Os movimentos sociais, na década de 1990, assumiram o papel de protagonistas na luta em prol da garantia da regulamentação dos direitos sociais” (Matos; Rocha, 2020, p.17).

Diferentemente da Educação do Campo que é a educação que nasce a partir das experiências camponesas de resistência em seus territórios, a Educação Ruralista é um projeto

do sistema capitalista. Na discussão acerca da Educação Rural x Educação do Campo a principal diferença está na organização das práticas pedagógicas e políticas educacionais, a Educação Rural é um projeto externo ao campesinato.

De acordo com Lima (2022), os movimentos sociais, ao iniciarem críticas ao antigo modelo de ‘educação rural’, levaram à tona as reais intenções desse modelo de educação, uma vez que este fora concebido a partir do contexto urbano e oferecido de modo precário aos camponeses, desconsiderando as especificidades sociais, culturais e políticas deste território. Infere-se, assim, que “A origem da educação rural está na base do pensamento latifundista empresarial, do assistencialismo, do controle político sobre a terra e as pessoas que nela vivem.” (Fernandes, 2006, p. 37).

Lima (2022, p. 93) sustenta que o Movimento Ruralista, com o seu “modelo de ‘educação rural’ contribuiu para que se perpetuassem as desigualdades sociais e as relações de dependências no campo”. Tendo em vista que esse movimento, além de silenciar os indivíduos, em sua cultura, e práticas sociais, desvaloriza a identidade dos camponeses. Utilizando-se da lógica do capital onde imprime a ideia da agricultura apenas como fornecedora de matéria prima.

Toda realidade está submetida à possibilidade de nossa intervenção. A história da luta pela justiça rural e agrária neste país revela a superação da posição inicial da adaptação e adequação [...], inclusive como uma forma de defesa. Uma das razões da minha luta e presença no mundo é que, como educador, eu posso contribuir para que se vá além dessa passividade, do que chamo de posturas rebeldes e transformadoras do mundo (Paulo Freire [...], 2011, 36 min 45 s).

O Campesinato brasileiro vem assumindo um importantíssimo papel na geração de renda no país na segurança alimentar e também na preservação ambiental, sendo assim “o meio rural, sempre visto como fonte de problemas, hoje aparece também como portador de soluções vinculadas à melhoria do emprego e da qualidade de vida” (Wanderley, 2001, p. 32).

Então parece ser relevante que se busque um processo formativo que leve os indivíduos a intervirem nas esferas do Estado na busca por uma sociedade que vise a autonomia dos indivíduos, considerando sua historicidade, e demais aspectos que envolvem a realidade. Pois, todo processo educativo deve considerar a realidade, se não, é certamente excludente, mesmo que oportunize acesso à escola a todos, porém, não está pautado nos sujeitos e sua concretude. (Cordeiro; Martins, 2020, p. 3).

A Educação do campo está inteiramente ligada as questões da permanência dos jovens, onde sua prioridade se dá na luta por condições de uma qualidade de vida ao camponês, em seu território para que não seja necessário que eles saiam do campo para sobreviver, como afirmam Molina e Freitas (2011, p.19). Foca, portanto, num modelo de desenvolvimento rural que prioriza os sujeitos do campo e decorrente disso, compreende os processos culturais e as estratégias de interação e demais relações nas lutas cotidianas a fim de darem seguimento ao seu processo formativo.

2.2 SUCESSÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR

A sucessão na agricultura familiar é um tema crucial para a sustentabilidade e continuidade das propriedades agrícolas geridas por famílias. "A lógica da sucessão baseia-se na necessidade de manter o patrimônio familiar representado pela terra. Para manter assegurada essa lógica, os agricultores buscam entre seus filhos um sucessor para seu patrimônio." (Spanevello, 2008, p. 22).

A partir disso pode-se "afirmar que, para diversos jovens, a vida no meio rural ainda significa o enfrentamento de barreiras para sua independência e possibilidades de escolha" (Castro, 2016, apud Silva; Dornelas, 2020, p. 3).

A Educação do Campo entra nesse contexto que além de profissionalizar os jovens, deve-se também valorizar o campesinato junto à família e à comunidade. Segundo Mendes e

Reis (2010, apud Silva; Dornelas, 2020, p. 4), "a família tem um papel importante na tomada de decisão dos jovens. O espaço que eles conquistam no ambiente de produção impulsiona sua permanência no campo [...]". Atualmente, o trabalho no campo continua sendo herdado, especialmente na agricultura familiar. A juventude reflete as relações que a sociedade estabelece, simultaneamente, com seu passado e seu futuro.

Entre as características dessa fase, destaca-se a ambivalência típica da situação liminar e transitória; a posição subalterna aos adultos na hierarquia social; a conflitividade gerada pelo processo de individualização; e a criatividade e capacidade de inovação resultantes do contato original com a cultura pré estabelecida (Weisheimer, 2009, p. 86).

A sucessão na agricultura familiar é um processo complexo que requer planejamento cuidadoso e uma abordagem equilibrada. O jovem deve se sentir pertencente ao local e espaço, para que esteja preparado para essa sucessão geracional. Não falamos apenas de uma ocupação, mas de uma vida empenhada no desenvolvimento da cultura regional de sua comunidade.

Sobre a juventude no campo, Wanderley (2001) afirma que "a sucessão intergeracional representa a renovação da propriedade familiar e pode atuar como um corretivo ao envelhecimento crescente dos agricultores". No campo, os jovens enfrentam dificuldades atribuídas à vida rural. Pode-se afirmar que "o interesse dos jovens pela vida rural passa pela valorização de suas iniciativas e pelas responsabilidades que assumem nas unidades produtivas". (Abramovay et al., 1998, p. 92).

Estudos recentes manifestam inquietações com o futuro da agricultura familiar, relacionando problemáticas como educação, trabalho, lazer e cultura. Reconhece-se o papel central dos jovens no campo, sobretudo em regiões onde a agricultura familiar ainda carece de valorização.

2.3 MULHERES NO CAMPO E A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO

Neste momento, visamos retificar o debate sobre os temas "Mulheres no Campo e a Divisão Social do Trabalho". Essas discussões buscam alcançar a igualdade das mulheres camponesas como protagonistas de suas histórias, que por muitos anos esteve escondida sob o patriarcado.

A educação deve ser pensada de forma abrangente, ultrapassando o ambiente escolar, mas considerando a realidade local para a educação oferecida. Deve-se enfatizar o campo e a agricultura familiar como locais de trabalho, moradia, cultura e identidade, desenvolvendo o espaço da mulher no campo. Assim, a mulher camponesa pode ocupar seu lugar não apenas como dona de casa, mas também como trabalhadora rural. A partir desse projeto Transformando Realidades desenvolvido na ACAJAMAN-PB e na troca de experiências das ações e movimentos do campo podemos dignificar o trabalho da mulher no campo como também as inserir no espaço rural.

O gênero é um dos fatores medulares na construção de desigualdades. Para além das diferenças biológicas, foram estruturadas distinções sociais e culturais entre homens e mulheres, dentro das quais se estabelecem hierarquias de poder, de status e de renda. Finalmente, os atributos individuais constroem-se socialmente como resultado de processos históricos (Diaz, 2007, p. 128).

É essencial fortalecer a autonomia feminina para que as mulheres reconheçam suas lutas e permaneçam qualificadas em suas comunidades. Visando resgatar as raízes das jovens camponesas e quebrar o tabu do trabalho agrícola como exclusividade masculina.

O debate sobre a autonomia para as mulheres ocorre a partir de variados sentidos na literatura, geralmente ligados às relações econômicas, provavelmente porque há consenso quanto à dificuldade de obtê-la sem qualquer forma de suporte financeiro. Para uns, autonomia feminina é sinônimo da possível retribuição adquirida pelo trabalho dentro ou fora do espaço. A última compreensão contrasta com o recorrente debate sobre o trabalho da mulher no espaço rural, frequentemente analisado sob o enfoque da “invisibilidade” (Nascimento; 2019, Mota ;2019, p. 2 *apud* Brumer, 2004; Fernandes; Mota, 2014; Hirata; Kergoat, 2007) e da “ajuda” (Lima, 2012; Mottamaués, 1993; Woortmanw; Woortmann, 2002).

É de grande importância gerar a possibilidade de permanência dessas alunas em suas propriedades no campo como também a ampliação dessa autonomia feminina com a visão que dali elas poderão dar continuidade ao trabalho exercido pelos seus familiares. E através disso fomentar a valorização da agricultura familiar e sua relevância que desenvolve também “uma função ambiental/ecológica de extrema importância, ligada a produção de bens públicos, ou seja, os bens de uso comum, como preservação da biodiversidade, gerenciamento sustentável do uso dos recursos naturais” (Pimentel; Abreu; Contrigiani, 2021, p. 11).

Observa-se que há uma forte tendência masculina nos processos sucessórios e que permite declarar que o “êxodo rural não parece estar ligado a oportunidades particularmente favoráveis no mercado de trabalho urbano, mas à precariedade das perspectivas assim como o papel subalterno que continuam a ter as moças no interior das famílias de agricultores” (Abramovay et al., 1998, p.15-16, *apud*, Scallon, 2021, p.44).

Herrera (2016, p. 208) acredita que “a situação de desigualdade de gênero no meio rural está relacionada com a naturalização do papel do homem e da mulher, que está vinculada à relação hierárquica dentro das famílias rurais”.

Ao recuperar a experiência das mulheres no meio rural é possível reconhecê-las como protagonistas, conferindo-lhes uma compreensão oposta às posições secundárias ou subalternizadas sustentadas por narrativas dominantes. Suas vidas extrapolam o

paradigma hegemônico, pois estão baseadas na vivência cotidiana de forma ampliada, que embora seja determinada por estruturas sociais cristalizadas ao longo do tempo, rompem com a forma dominante de enxergar o mundo, pois as atividades realizadas pelas mulheres estão voltadas para os cuidados com as necessidades das pessoas, com as plantas e com os animais, com os afetos e com a manutenção da vida. Atividades estas que ao longo da história permitiram que a sociedade se reproduzisse não somente em termos biológicos, mas também em termos sociais, desenvolvendo vínculos e relações essenciais para a existência humana, uma vez que representam a expressão do trabalho fundamental para a manutenção da vida. Todas as atividades executadas por elas estão interligadas e se condicionam mutuamente, pretendendo, com isto, propiciar aos seres vivos do estabelecimento rural uma melhor qualidade de vida de forma plena e integral (Herrera, 2019, p.201).

A partir do tema referente as mulheres no campo, dentro do contexto da Agricultura Familiar onde:

é imperativo compreender detalhadamente as atividades exercidas por ela através de uma lente analítica que evidencie o seu papel como trabalhadora rural tanto no aspecto produtivo como no não produtivo da agricultura, permitindo, desta forma, que o trabalho exercido pelas mulheres rurais se torne visível à sociedade em sua integridade (Herrera, 2015, p. 23).

Como afirma Bueno; Silva, (2020, p. 285) “o trabalho feminino ao mesmo tempo em que é indispensável é também desvalorizado por uma sociedade baseada em um sistema patriarcal que inferioriza as mulheres e enaltece a figura masculina nos espaços de decisão”.

Essa situação ocorre pela valorização social do homem enquanto “chefe de família”, responsável pela reprodução de seus “dependentes”. Assim, o trabalho desses últimos [mulheres e crianças] fica em plano secundário, cabendo, nestes casos, uma remuneração que apenas “ajuda” a composição do orçamento familiar. A conclusão, portanto, é clara: o trabalho é “leve” (e a remuneração é baixa) não por suas próprias características, mas pela posição que seus realizadores ocupam na hierarquia familiar (Paulilo, 1987, p.07).

Atualmente podemos observar uma considerável modernização no âmbito da Agricultura Familiar:

Contudo, entendemos que a ordem patriarcal de gênero não foi alterada, pois ainda se dá preferência ao herdeiro homem, sendo a mulher que, normalmente, tem que sair do espaço rural para buscar estudo por falta de reconhecimento e oportunidades que a motivam ficar na propriedade. Ademais, a mulher jovem e solteira não é considerada apta a gerir uma propriedade familiar, o que não se aplicaria se fosse um homem jovem e solteiro (Bueno; Silva, 2020, p. 288).

Perante esses argumentos citados, ressalta-se que a busca pelo direito das mulheres no campo e o fim da desigualdade social e divisão social do trabalho, que são impostas às mulheres na agricultura ao ocuparem a sucessão geracional, é de grande importância a fim de eliminar as desigualdades de gênero presente no espaço agrário.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir do tema, problemática e objetivos propostos, apresenta-se neste item os procedimentos metodológicos adotados a partir do contexto do Projeto Transformando Realidades: Juventude do Agreste e Curimataú Paraibano Cuidando da Biodiversidade, o cenário da associação, as protagonistas, e procedimentos adotados para a análise de dados.

Esta é uma pesquisa aplicada de natureza qualitativa, com uma abordagem

Exploratória/Descritiva. Segundo Gil (2002, p.41) “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” – continua o mesmo autor (p.42) - “tendo como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.”

A estratégia é a coleta de dados em campo delineado na forma de levantamento simples. Pode ainda ser classificada como um Estudo de Caso que aborda o projeto Transformando Realidades que é realizado na ACAJAMAN – PB, com a finalidade de analisar a construção da autonomia das mulheres no Campo, especificamente as que vivem no Sítio Antônio em Alagoa Nova – PB.

Na primeira etapa foi realizada uma entrevista semiestruturada. “Queremos privilegiar a entrevista semiestruturada porque esta, ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (Trivinos, 1987, p. 146).

Antes de iniciar as entrevistas foram apresentados os objetivos do estudo e solicitada à permissão aos associados e em seguida foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o termo de autorização para o uso de imagens (TCFV) que consta no apêndice ao final deste trabalho. As explicações sobre a exigência das assinaturas dos termos ao final das entrevistas foram dadas as participantes que ficaram de posse de uma cópia permanecendo a outra com a pesquisadora.

Inicialmente foi realizado uma conversa espontânea com as participantes, para que elas pudessem se sentir à vontade para responder as questões do formulário, que foi discorrido

naturalmente sem a necessidade de que elas se sentissem pressionadas, garantindo que tudo fosse realizado de forma natural e despretensiosa e caso as participantes se sentissem constrangidas em responder alguma questão, seria concedida a liberdade de interrupção.

As entrevistas foram gravadas com duração de 2 horas no total e para realizar a transcrição das mesmas foi utilizado o software Riverside transcripion®, que permitem executar funções de transcrição de áudios em textos.

A entrevista com a coordenadora do projeto foi realizada individualmente enquanto a entrevista com as estudantes foi na forma de grupo focal levando em consideração que dessa forma é propiciado uma interação maior entre os participantes, em torno de um tema relevante, sendo preferencialmente adotados nos casos de pesquisas exploratórias.

Os estudos que utilizaram o grupo focal demonstram ser esse um espaço de discussão e de troca de experiências em torno de determinada temática. Além disso, o grupo estimula o debate entre os participantes, permitindo que os temas abordados sejam mais problematizados do que em uma situação de entrevista individual (Backes; Colomé; Erdmann; Lunard, 2011, p.439).

Realizada de forma presencial, a entrevista foi executada com a assessora técnica do projeto e coordenadora do coletivo de agroecologia da associação ACAJAMAN – PB de nome Vanderléia e com três participantes egressas do projeto Transformando Realidades, chamadas Maria, Josilene e Joseli. Foi possível colher informações sobre a atividade desenvolvida pelas alunas no projeto, e como está sendo construída a autonomia feminina no campo, a fim de identificar se a valorização do trabalho feminino na agricultura é fortalecida a partir de práticas pedagógicas realizadas no projeto. A entrevista também buscou realizar um levantamento de informações sobre a associação e se a mesma contempla a questão da permanência dessas jovens no campo. Foi identificado as atividades rurais que as alunas realizam em suas propriedades a partir da formação oferecida no projeto.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A partir do tema proposto, dedicamos esse momento ao olhar cuidadoso em torno do cenário local e as protagonistas do estudo em que o mesmo foi desenvolvido.

A escolha da Associação a ACAJAMAN – PB se deu pela pertinência em trabalhar com aspectos ligados a permanência do Jovem do Campo em especial jovens mulheres, dando ênfase a importância ao desenvolvimento local da região e o tipo de trabalho que a associação desenvolve.

A ACAJAMAN – PB foi fundada em assembleia geral, como AJA (Associação de Jovens Ambientalistas) com o objetivo de trabalhar políticas públicas para a Juventude Rural com melhorias e incentivo a agricultura familiar sustentável, mantendo os jovens no campo com renda e qualidade de vida.



Figura1. Centro cultural da ACAJAMAN – PB, Associação cultural e agrícola dos jovens ambientalistas da Paraíba. **Fonte:** Autoria Própria (2024).

A ACAJAMAN - PB tem um papel fundamental que é a organização no processo social e de um processo formativo das juventudes no acolhimento, respeito e empoderamento da Juventude do campo dando subsídios para que eles possam ser protagonistas de sua própria história.

A associação atua na formação de cidadãos politizados, propondo-lhes atividades voluntárias de cunho social ou de geração de renda, além de trabalhar o resgate e o incentivo à cultura do município, prezando pelo cuidado ao meio ambiente, buscando melhorias para a agricultura familiar, reduzindo a saída do jovem do campo e o capacitando pra sobreviver com a renda obtida no campo (ACAJAMAN, 2021).

A associação está localizada no sítio Santo Antônio em Alagoa Nova e tem 28 associados residentes na zona urbana e rural do município, ela surgiu em 2009 através de jovens

que participavam da CASA FAMILIAR RURAL com o intuito principal de evitar o êxodo rural, viver bem, gerar renda e qualidade de vida no campo. Atualmente a associação está realizando suas atividades teóricas na zona urbana em uma casa alugada que fica a aproximadamente 2 km do sítio, e as aulas práticas no viveiro de mudas, que fica em uma propriedade cedida por um morador da comunidade na zona rural.

Em 2010 a entidade cria um polo no bairro Nossa Senhora Aparecida passando a denominar-se ACAJAMAN (Associação Cultural e Agrícola dos Jovens do Município de Alagoa Nova) e iniciando um trabalho voltado para jovens urbanos com incentivo à cultura, criação de grupos culturais e um trabalho social com crianças carentes.

Em 2012 houve uma nova mudança, o retorno do ambientalismo para seu nome, passando a denominar-se ACAJAMAN (Associação Cultural e Agrícola dos Jovens Ambientalistas de Alagoa Nova-PB) tendo como objetivo o resgate e o incentivo à cultura local, preservação ambiental, a busca de melhorias para a Agricultura Familiar, combate ao êxodo da juventude através da capacitação dos jovens. Além de continuar com as atividades de valorização e acesso ao esporte, ao turismo como fonte de renda e lazer e a busca do desenvolvimento espiritual.

Além das atividades já mencionadas, a associação oferece a crianças e adolescentes atividades de reforço escolar, de arte e promoção da cultura na rua, como cinema, quadrilha, o retorno da cultura da comunidade com os arraiás e com as mulheres no projeto Empodera Mulher. Neste projeto são oferecidas algumas oficinas para a geração de renda, por exemplo, oficina de produção de ovos, bolos, doces e licores, permitindo as mulheres aprender a fazer, comercializar, empreender e ganhar sua autonomia.

Além disso, são realizadas algumas discussões sobre empoderamento feminino, investindo na autonomia através de programas e projetos desenvolvidos, como, por exemplo, as atividades realizadas no viveiro de mudas, banco de sementes e também no apiário escola, onde são realizadas algumas parcerias na promoção da valorização do meio ambiente e produção agroecológica.

A associação, de acordo com seu estatuto social, tem por missão contribuir para o protagonismo das juventudes e da agroecologia com ênfase na educação popular e na defesa dos direitos humanos, especialmente de camponeses, mulheres e LGBTQI+, para a construção

de uma sociedade mais justa e igualitária. No desenvolvimento de suas atividades, a entidade não fará qualquer discriminação de raça, cor, sexo ou religião (ACAJAMAN, 2021).

A associação tem contribuído muito com a luta contra o fechamento das escolas do campo no processo formativo e educacional, fazendo que a juventude tenha vez e voz dentro da sociedade, seja nos espaços públicos sociais, mas também dentro das suas famílias para que possam ser sujeitos empoderados e tentar desconstruir os preconceitos da sociedade em torno da juventude que deseja perpetuar o trabalho no campo, contribuindo assim para a formação social da criança, do adolescente e da mulher do campo.

O projeto Transformando Realidades, que é o objeto de estudo deste trabalho, desenvolvido pela ACAJAMAN – PB, é destinado a alunos da cidade de Alagoa Nova – PB e Sossego -PB.

O projeto tem duração de um ano e é composto por oficinas, formações e ações voltadas para a preservação ambiental a partir da produção e doação de mudas com o incentivo ao plantio, reflorestamento e arborização.

Tem o objetivo de trabalhar com as juventudes a questão das mudanças climáticas a partir de processos formativos e de produção, plantio e distribuição de mudas nos municípios de Alagoa Nova- PB e Sossego- PB, oferecendo um total de 30 vagas, sendo 15 vagas destinadas aos jovens do município de Alagoa Nova e 15 aos jovens do Município de Sossego. Tem o apoio do Fundo Casa e a Parceria com a Comissão Pastoral da Terra de Campina Grande.

Com a missão de “Contribuir no fortalecimento das Organizações da Sociedade Civil (OSCs) que a integram potencializando ações que resultem em práticas e processos educativos.” (CPT – CG, 2024). A Comissão Pastoral da Terra de Campina Grande consolida o apoio junto ao projeto, como também o fundo casa.

O Fundo Casa Socioambiental é uma organização que busca promover a conservação e a sustentabilidade ambiental, a democracia, o respeito aos direitos socioambientais e a justiça social por meio do apoio financeiro e fortalecimento de capacidades de iniciativas da sociedade civil na América do Sul. (Fundo Casa, 2024).

Os encontros são realizados no centro de cultura da ACAJAMAN - PB ou nas comunidades dos participantes do projeto, e as práticas são realizadas no viveiro de mudas. Os encontros são aos domingos pela manhã, tendo em vista que durante a semana os alunos da

região estudam em tempo integral e não teriam tempo de realizar as atividades do projeto, com uma duração de 2 horas, de acordo com a assessora técnica.

No projeto são introduzidas técnicas agrícolas, por exemplo, propagação de plantas, enxertia, preparação do solo, realização das regas. São repassados também conhecimentos sobre as mudas nativas e realizado um processo de coletas de sementes em uma propriedade da região. As despesas de transporte e alimentação dos estudantes são custeadas pelo projeto.

Essas práticas são realizadas no viveiro de mudas da associação, localizado na zona rural da cidade. É um espaço adequado tecnicamente, com telas de sombreamento e toda uma estrutura para melhorar a qualidade da produção.



Figura 2. Imagens do Viveiro de mudas localizado na sede da ACAJAMAN – PB.

Fonte: Vanderléia Galdino (2024).

Sendo assim a partir dos objetivos deste trabalho e da escolha do objeto de estudo, realizou-se um recorte a partir da análise da experiência das três jovens mulheres que estão matriculadas no projeto e exercem atividades vinculadas à agricultura, e com a atual assessora técnica do projeto, que atualmente realiza atividades na agricultura, sendo essas as protagonistas desta pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para definir as protagonistas do estudo contamos com o auxílio da Secretaria de Educação da Cidade de Alagoa Nova e o coordenador geral da associação ACAJAMAN – PB. Em seguida estabeleci um primeiro contato virtual, em busca de investigar a realidade das jovens participantes do projeto, e da assessora que atualmente realiza atividade voluntária na associação. Após esse momento, participei presencialmente de um dos encontros do projeto na própria associação e conheci pessoalmente a assessora técnica responsável por ministrar as aulas, como também as jovens mulheres que atendiam aos critérios da pesquisa. O intuito de abarcar beneficiárias e a assessora do projeto foi desvelar as opiniões e percepções em diferentes perspectivas dessas jovens mulheres.

A seguir, a assessora técnica do projeto fez seu relato, pontuando especificamente como se deu sua participação na associação e no projeto, localização das propriedades, ações que as estudantes possivelmente já realizaram na agricultura e a possível permanência dessas jovens no meio rural, como forma de sucessão na atividade agrícola.

Sobre sua participação na associação, disse:

“Eu conheci a ACAJAMAN - PB em 2016, através do curso de prática de desenvolvimento no campo e atualmente estou como voluntária na associação desde 2017. Atualmente estou coordenando o coletivo de agroecologia no qual eu sou responsável por acompanhar e monitorar as ações que são realizadas no campo. Hoje estamos realizando o projeto que é no viveiro de mudas com o objetivo de promover práticas de educação ambiental através da doação de mudas e promovendo a sustentabilidade e autonomia, garantindo a permanência da juventude do campo através da agroecologia com a grande perspectiva de poder contribuir com esse crescimento da população na parte formativa, na parte de poder ter uma opinião própria sólida, uma opinião que possa construir dentro das políticas públicas tanto em Alagoa Nova e nos demais municípios que a gente fazer com que a agroecologia, a educação popular possa e permanecer dentro das comunidades, resgatando assim os direitos e fortalecendo as políticas públicas necessárias para cada realidade, para cada espaço e para cada lugar onde a gente chega.” [sic] (Assessora técnica do projeto).

Sobre o projeto Transformando Realidades de acordo com a assessora técnica:

“Os alunos irão aprender como propagar as plantas, aprender como preparar o solo para fazer o plantio. A questão das regas, vão aprender sobre as mudas nativas da região. Serão realizadas oficinas de gestão de viveiro, será repassado como eles podem gerir um viveiro de mudas, para que futuramente quem tiver interesse de ter o seu próprio viveiro e fazerem a gestão deles. E saberem que podem tirar dali o seu sustento e de sua família. E principalmente trabalhar com esses jovens a conscientização da preservação ambiental. O principal intuito do projeto está em torno da produção de 10 mil mudas para a doação”. [sic]

As três jovens entrevistadas participantes do projeto são irmãs, e foram entrevistadas em grupo através de metodologia de grupo focal, elas residem na zona rural da cidade. Sobre a participação na associação, elas relatam: “Conhecemos a ACAJAMAN através de Vanderléria, ela que nos convidou para participar do projeto Transformando Realidades, ela mora próximo ao sítio que moramos e é a primeira vez que participamos de atividades aqui na associação” [sic] (Maria, Joseli, Josilene).

De acordo com as alunas egressas. “Nós não trabalhamos com a agricultura, mas nossa família sim, meus irmãos e minha mãe vivem da agricultura no nosso sítio e também trabalham em outros sítios da região quando são chamados”.

Relata Josilene “eu gosto de realizar plantios lá no nosso sítio e através desse projeto eu vou poder aprender melhor como plantar.”

Sobre a importância da participação dos jovens na agricultura, a assessora diz:

“[...] Trabalhar hoje com a questão ambiental é um tema que a gente precisa muito, a gente não está tendo muita consequência agora, mas terá futuramente na nossa região. E também incentivar a juventude a trabalhar com isso é algo muito importante, porque nós somos o futuro do nosso país. Como acontece muito aqui no município que são as queimadas, quando o pessoal vai fazer as plantações, que os lotes de terra aqui são muito pequenos, aí ele já tem uma área pequena, ainda derruba a área de mata, ateia fogo, aí isso vai prejudicando cada vez mais o nosso solo. Então por isso que é importante ajudar a preservar, doar mudas, incentivar as pessoas ao plantio, aquela mudinha tem uma importância muito grande para a gente, a gente vê que muitas plantas hoje estão entrando em extinção porque o pessoal desmata e não faz o plantio de novo aqui mesmo no município, eu falo dentro da cidade hoje a gente ver muito o pessoal derrubando várias árvores por conta do asfalto que estão fazendo que liga a cidade de Alagoa Nova - PB a Areias – PB” [sic] (Assessora técnica do Projeto, 2024).

Sobre a permanência das jovens mulheres no campo e participação na agricultura, de acordo com as jovens entrevistadas egressas do projeto, percebe-se que elas gostam do trabalho na agricultura em suas propriedades, mas afirmam que se trata de um trabalho pesado cansativo e muito braçal. Quando questionadas sobre a permanência no campo, dizem: “Nós queremos ter uma profissão, estudar, mas pretendemos continuar no campo, não temos interesse em nos mudar para a cidade”.

A assessora fez o seguinte relato sobre o trabalho no campo e autonomia da mulher na agricultura:

“Eu gosto eu trabalho na agricultura, sempre gostei, já trabalhei fora, mas para mim o que eu gosto é mexer com aquilo ali, ver crescendo desde o início até chegar grande. Por exemplo, eu plantar um milho e um feijão e depois eu conseguir me alimentar deles, gente, não tem coisa melhor. É muito melhor você plantar ali, ver crescendo seu

esforço. Então é isso que a gente quer que implantar nessas jovens. O cuidado com a terra, com aquilo que vai produzir, com aquilo que você vai se alimentar também, além de quebrar esse Tabu de que não é apenas os homens que podem realizar o trabalho na agricultura, mas a mulher também” [sic] (Assessora técnica do Projeto, 2024).

Com o trabalho realizado pela assessora técnica que um dia também foi aluna da associação e entendeu a importância da mulher no campo, se profissionalizou e retornou a sua comunidade e hoje em dia realiza atividades com esses jovens da região.



Figura 3. Membros que participam do projeto Transformando Realidades. **Fonte:** Autoria Própria (2024).

A relevância desse projeto revela-se nas falas das entrevistadas Maria, Joseli e Josilene, onde pode-se perceber que além de destacar a importância da mulher nas atividades agrícolas, elas agora têm consciência da possibilidade de gerar renda e autonomia no campo.

“É interessante para aprender mais, sobre as plantas. Além de não só plantação, mas também, como é que eu posso dizer... a valorização do nosso sítio. E que a gente agora pode aprender como progredir com a atividade no campo. Então, eu tinha dúvida se queria permanecer no campo porque a gente não sabia como podia melhorar nossa renda através da agricultura. Eu pretendo plantar. Fazer uma plantação lá no nosso sítio, através das mudas que vamos aprender aqui no projeto. Pretendo ir até o final na participação do projeto, e também ver Vanderleia como mulher fazendo o trabalho no campo nos motiva mais ainda em continuar e ocupar nosso espaço como uma figura feminina na roça” [sic].

Dentre os principais motivos para a permanência dessas jovens no meio rural, tanto diante dos relatos da assessora técnica como das jovens egressas do projeto, podem ser destacados a tranquilidade, a qualidade de vida, a valorização cultural da comunidade que estão

inseridas e o anseio pela continuidade no trabalho na agricultura que é desenvolvido pela família.

A sucessão na agricultura é uma problemática que exige para a sua superação uma preparação do jovem para o trabalho no campo, Panno (2016) afirma:

“A indicação de um sucessor é apenas o ponto de partida no processo de transferência do negócio entre as gerações. O problema está em como o sucessor está sendo incorporado na tomada de decisões dentro da propriedade. Como está sendo preparado para tal, como é instituído o grau de autonomia, liderança, delegação de autoridade e de responsabilidade, bem como a preparação do sucessor com relação à gestão dos negócios da propriedade. Esses fatores são fundamentais e têm fortes implicações na capacidade de gerir a propriedade de maneira eficaz. Ou seja, não basta ter perspectiva e indicação de sucessor, é preciso deixá-lo apto para a continuidade da propriedade” (Panno, 2016, p.85-86).

Neste sentido, o projeto Transformando Realidades tem contribuído para a autonomia, liderança e preparação dos jovens do campo, especialmente para as jovens mulheres. O impacto de projetos dessa natureza na permanência no campo e sucessão geracional também foi analisado em jovens da zona rural da cidade de Puxinanã- PB a partir de atividades de capacitação para esse público, incluindo também filhas de agricultores da Casa Familiar Rural. Foi verificada as principais demandas em torno da permanência da mulher no campo com base na sua formação:

Com interesse ao trabalho na agricultura, almejando ter sua própria propriedade essas alunas além de aprender cultivos com as plantas, também tem o contato com a vida animal, a partir de atividades do curso as jovens aumentam seus interesses pela vida rural, como afirma os familiares. Propiciando que elas tenham otimismo e gere autonomia para desenvolver as habilidades na roça. (Projeto CFR , 2019).

Também Scallon (2021) dialoga com essa realidade ao pesquisar Jovens mulheres e a sucessão na agricultura familiar nas casas familiares rurais de Saudades e Modelo em Santa Catarina. “pode-se observar que as CFRs se consolidaram como uma excelente alternativa para a educação escolar dos filhos e filhas de agricultores familiares, contribuindo para a permanência no meio rural e/ou a sucessão familiar”.

Vale ressaltar que a escolha entre a permanência das jovens no campo, parte especificamente da sua decisão pessoal, reconhecendo que seus desejos não devem ser obrigatoriamente projetados a partir do lugar onde nasceu como afirma Martins (2021, p.109)

“a família, no geral, tende a exercer o papel de suporte dos projetos de futuro dos jovens e não de censor dessas escolhas”.

Nesse sentido Godoy (2019) afirma que:

Não necessariamente os jovens precisem e tenham o dever de ficar no campo, porém, o que se percebeu foi a falta de abertura de caminhos para que eles possam ver, experimentar, analisar as possibilidades, sabendo que a alternativa de ficar no campo também pode ser rentável, prazerosa e, por vezes, melhor remunerada do que um trabalho na cidade, como muitos afirmaram (Godoy, 2019, p.70).

Em meio a esse cenário, o intuito desta pesquisa se dá justamente em conceder voz e espaço a essas mulheres do campo. Acolher histórias e trajetórias de jovens mulheres que prospectam seus futuros na agricultura, que a partir das habilidades que lhe estão sendo desenvolvidas, elas possam se sentir capazes e determinadas a desempenhar seu papel na agricultura, trilhando os mesmos caminhos, se desafiando, e principalmente construindo o seu espaço, seu protagonismo e autonomia.

O coordenador geral da associação, como também a assessora técnica do projeto, afirmam que a associação, a partir do projeto Transformando Realidades, desempenha um grande papel na vida dessas jovens da Zona Rural da cidade de Alagoa Nova- PB e lutam para romper o ideário machista dominante que impossibilita as mulheres de serem protagonistas desses espaços.

Baseado nessas considerações e nas conexões feitas entre a teoria e o conhecimento empírico, a partir da minha presença diretamente na associação, ficou claro o intuito de dar visibilidade e destacar as experiências de jovens mulheres na agricultura contribuindo para sua autonomia, a partir do desenvolvimento do projeto na formação de novos agricultores, é alcançado. Acreditamos que essas histórias podem oferecer valiosas lições, inspirar e trazer aprendizados sobre o protagonismo e as ações de indivíduos que, em meio à diversidade da agricultura familiar, superam seus desafios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal estratégia utilizada pela associação para fomentar a permanência de jovens no campo é através da metodologia de projetos que vem sendo realizados na comunidade e fortalecendo a cultura do trabalho no campo. O protagonismo feminino, inclusive na gestão da associação, inspira e estimula a permanência de jovens mulheres no campo ocupando cargos majoritariamente ocupados por homens.

Portanto, a ACAJAMAN, através dos projetos que realiza, contribui para o fortalecimento da agricultura familiar local, que é a maior beneficiada. Trazendo assim um grande desenvolvimento para a zona rural da cidade de Alagoa Nova – PB.

Os associados, por exemplo, a assessora técnica, o coordenador da associação, como também outros associados envolvidos na ACAJAMAN, acreditam e consolidam a importância do povo do campo, em especial das mulheres do campo, através de suas práticas que tornam a voz da mulher ativa na sociedade e na agricultura.

Com o intuito de contribuir para o fortalecimento da autonomia das mulheres do campo a partir de atividades realizadas no projeto Transformando Realidades ficou claro que além dessas atividades de arborização sob o viés agroecológico, a associação possibilita que as jovens resgatem suas raízes, e conheçam de perto o trabalho no campo e várias técnicas executadas no cultivo na agricultura. Essas jovens, a partir desse projeto, poderão ocupar seus lugares no trabalho do campo devidamente qualificadas.

A associação acredita contribuir para a autonomia feminina no campo, sendo esse um tema muito importante, conquistado pelas suas associadas ao desenvolver essas atividades. Para as entrevistadas, o cultivo em suas propriedades pode desenvolver nelas o desejo pelo trabalho na agricultura e as formas e meios que possam viver disso e não precisem ir para a cidade a procura de melhoria de meios de vida.

Dessa forma, percebe-se que a ACAJAMAN – PB a partir do projeto Transformando Realidades, contribui para que além da permanência dessas jovens no campo, elas possam ter a liberdade e independência de administrarem suas terras e viver do que produzem, utilizando esse espaço da associação para adquirirem as técnicas necessárias por meio das capacitações atreladas ao projeto, e assim transformar o campo em um espaço também feminino.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo et al. **Juventude rural e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: Unesco, 1998.

ACAJAMAN. **Associação Cultural e Agrícola dos Jovens Ambientalistas de Alagoa Nova-PB**. Um pouco mais sobre a instituição. Disponível em :<https://legado.educacaoeparticipacao.org.br/instituicoes/associacao-cultural-e-agricoladosjovens-do-municipio-de-alagoa-nova/>. Acesso em: 10 set 2024.

BACKES, D. S., COLOMÉ J. S., ERDMANN, R. H., & LUNARDI, V. L. (2011). **El grupo focal como técnica para la recolección y el análisis de datos en la investigación cualitativa**. Gov.br.https://bvs.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf

BATISTA, M. S. X. **Movimentos Sociais, Estado Políticas Públicas de Educação do Campo**: pesquisa e práticas educativas. Editora Universitária da UFPB. João Pessoa – PB, 2011.

BATISTA, M. S. **O campo como território de conflitos, de lutas sociais e movimentos populares**. In: BATISTA, M. S., SCOCUGLIA, A. C. Educação do Campo no Ensino Superior: Diálogo entre o popular e o científico. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

BRASIL, **Câmara de educação básica do conselho nacional de educação**. Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo. Brasília – DF, 2002.

BRUMER, A. **Gênero e Agricultura**: A Situação da Mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. Estudos Feministas, Florianópolis, 12(1): p. 205-227, jan./abr., 2004.

BUENO, Caroline Tapia; SILVA, Susana Maria Veleda da. **O patriarcado na agricultura familiar brasileira**: reflexões a partir do município de São Lourenço do Sul – RS. Revista NERA, v. 23, n. 51, p. 279-299, jan.-abr., 2020.

CALAZANS, M.J.C. **Para compreender a educação do Estado no meio rural**: traços de uma trajetória. In: THERRIEN, J.; DAMASCENO, M.N. (Org.). Educação e escola no campo. Campinas: Papirus, 1993

CALDART, R. **Educação do Campo**: notas para uma análise de percurso. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.
Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/tes/v7n1/03.pdf>> Acesso em:22 jul 2024.

CASTRO, E. G. DE. **Juventude rural, do campo, das águas e das florestas**: a primeira geração jovem dos movimentos sociais no Brasil e sua incidência nas políticas públicas de juventude. Revista de Ciências Sociais, n. 45, p. 193-212, jul/dez. 2016. Disponível em: .
Acesso em:05 set 2024.

COMUNIDADE, P | **Projeto “Casa Familiar Rural”** capacita jovens no interior da Paraíba | Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7866742/>>. Acesso em: 17 out 2023.

CORDEIRO, G. M.; MARTINS, S. A. **Reflexões sobre educação do campo e juventude**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 3., 2020, Santa Catarina. Anais... Santa Catarina., 2020. p. 1-6.

DIAS, F. F.; LEONEL, A. A. **Escolas do Campo: Um olhar sobre a legislação e prática suplementadas no ensino de física**. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 20, n. 0, 21 maio 2018.

DÍAZ, Laura M. **Instituições do Estado e produção e reprodução da desigualdade na América Latina**. In: CATTANI, D. A.; CIMADAMORE, A.D.(orgs.) Produção de pobreza e

desigualdade na América Latina. Porto Alegre: Tomo Editorial/Clacso, 2007. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/clacso/crop/cattapt/06mota.pdf>>. Acesso em: 10 jan 2024.

DIOCÉLIA, A.; SOARES DO NASCIMENTO; MARIA DA MOTA, D. **O conceito de autonomia em estudos sobre mulheres**. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/192057/1/autonomiaestudosmulheres.pdf>>. Acesso em: 26 jun 2024.

ESTEVAM, D. de O. **Casa Familiar Rural**: A formação com base na Pedagogia da Alternância. Florianópolis. Insular, 2003. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. **Contribuições para a construção de um projeto de educação do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 2004.

FERNANDES, T.; MOTA, D. M. da. “**É sempre bom ter o nosso dinheirinho**”: sobre a autonomia da mulher no extrativismo da mangaba no Pará. RESR. Piracicaba, São Paulo, v. 52, Nº 01, p. 009-024, jan./mar., 2014.
GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Luthiane Pisoni. **O meu biso passou pro vô, o vô passou pro pai e no caso o pai passaria pra nós**: a sucessão rural e a saúde mental de jovens no processo sucessório. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/213846>. Acesso em: 03 jul 2024.

HERRERA, Karolyna Marin. **A jornada interminável**: a experiência no trabalho reprodutivo no cotidiano das mulheres rurais. 2019. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa

de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019a. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204552>. Acesso em: 21 fev 2024.

HERRERA, Karolyna Marin. **Da invisibilidade ao reconhecimento**: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v.15, ed. esp., 2016.

HERRERA, Karolyna Marin. **Da invisibilidade ao reconhecimento**: uma análise do papel da mulher rural a partir da perspectiva da multifuncionalidade agrícola. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/132975>. Acesso em: 11 nov 2023.

HIRATA H.; KERGOAT Danièle. **Novas configurações da divisão Sexual do trabalho**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.
LIMA, E. de S. A. **Educação do campo como espaço de resistência política e epistemológica**: as lutas por outras pedagogias. *Revista Teias*, v. 23, n. 68. jan./mar. 2022.
Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/60893/41461>.
Acesso em: 20 out. 2023.

LIMA, Bianca Ferreira. **Vida e trabalho**: um estudo sobre mulheres extrativistas de mangaba na Ilha do Marajó, Estado do Pará. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável) - Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural (NCADR) - Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2012.

LOBLEY, Matt. **Succession in the family farm business**. *Journal of Farm Management*, [s.l.], v. 13, n. 12, p. 839-851, 2010.

MARTINS, Leonardo Rauta. **Juventude rural no Brasil**: referências para debate. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 94-112, fev. 2021.

MATOS, C. C.; ROCHA, G. O. R. **O currículo da Educação do Campo no contexto das legislações educacionais**. Revista brasileira de Educação do Campo, Tocantinópolis, v. 5, 2020.

MDA. Ministério Do Desenvolvimento Agrário. **Plano nacional da juventude e sucessão rural**. 2016. Brasil. Disponível em: . Acesso em 28 maio 2022.

MENDES, D. M.; REIS, M. DOS. **Juventude da agricultura familiar**: gênero em foco. In: Seminário Internacional fazendo gênero: Diásporas, diversidades, deslocamentos, 9, 2010. Santa Catarina. Anais... Santa Catarina: UFSC, 2010. Disponível em: . Acesso em: 16 maio 2023.

MENEZES, M. A.; STOPRASOLAS, V. L.; BARCELLOS S.B. **Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil**. Coleção Juventude – série Estudos, n.1 .Brasília, 2014.

MOLINA, M.C. ; FREITAS, H. C. **Avanços e Desafiosna construção da Educação do Campo**. In: Em Aberto, Brasília:p.17-31, 2011.

MOLINA M.C.; JESUS S. M. S. A. (Org). **Por Uma Educação do Campo**: Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. Brasília, DF: Articulação Nacional, 2004.

MOTTA-MAUÉS, M. A. **“Trabalhadeiras” e “Camarados”**: relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: Centro de filosofia e Ciências Humanas, UFPA, Coleção Igarapé. 1993. 228 p.

PANNO, Fernando. **Sucessão geracional na agricultura familiar**: valores, motivações e influências que orientam as decisões dos atores. 2016. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências

Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/150568>. Acesso em: 18 jan. 2024.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. **O peso do trabalho leve**. Ciência Hoje, Rio de Janeiro, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1987.

PAULO FREIRE **tv puc.mpg**. [S. l.: s. n.], 2011. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal cbuson. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9GdOSmDBQzA>. Acesso em: 17 out. 2022.

PESSOTTI, Alda L. **Escola Família Agrícola: uma alternativa para o ensino rural**.

Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

PIMENTEL, Andrea eloisa bueno; ABREU , Lucimar santiago de; CONTRIAGINI , Sriele carolina. **Agricultura familiar**. Sao carlos: Comitê editorial, 2021. 14 p. ISBN 9786586558371.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira**. In: ANPAE, 2007, Rio Grande do Sul. Por uma Educação de qualidade para todos. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2007.

QUEIROZ, J. B. P. **A participação dos agricultores na construção dos CEFFA's**. Revista da formação por Alternância.v.2, n.1,Brasília: UNEFAB, 2006.

RANGEL, M.; ROSÂNGELA BRANCA CARMO. **Da educação rural à educação do campo: revisão crítica**. v. 20, n. 36, 22 jun. 2013.

SCALLON, L. **Jovens Mulheres e a sucessão na Agricultura Familiar: Um olhar a partir das Casas Familiares Rurais de Saudades e Modelo**, SANTA CATARINA, 2021.

Disponívelem:<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232605/001134406.pdf;jsessionid=F1142FCFC99F514D7148E8BD8435359C?sequence=1>>. Acesso em: 01 ago 2024.

SILVA, Antonio Waldimir Leopoldino da. **Caminhos para a sucessão familiar em propriedades agropecuárias**. XIV Fórum de Aperfeiçoamento Agropecuário, 2020.

[Encontro online].

SILVA, Natalia Correa Costa; DORNELAS, Myriam Angelica. **Sucessão na agricultura familiar: permanência de jovens no meio rural sob a ótica de pais agricultores**. Sucessão, Curitiba, ano 2020, v. 7, n. 8, p. 82402 - 82417, 2021.

SPANVELLO, Rosani Marisa. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/16024>. Acesso em: 14 jan. 2022.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **“Os Desafios Da Sucessão Geracional Na Agricultura Familiar - AS-PTA.”** AS-PTA, 2019, aspta.org.br/article/os-desafios-dasucessaogeracionalna-agricultura-familiar/. Accessed 11 nov 2023.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WANDERLEY, Nazareth Baudel. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. In: TEDESCO (Org.) Agricultura familiar: realidades e perspectivas. Passo Fundo- RS: UPF, 2001.

WEISHEIMER, N. (2009). **A situação juvenil da agricultura familiar** (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

WOORTMANN, K. A. A. W.; WOORTMANN, E. F. **Monoparentalidade e chefia feminina: conceitos, contextos e circunstâncias**. In: Pré-Evento Mulheres Chefes de Família: crescimento, diversidade e políticas. Realizado em 4 de novembro de 2002. Ouro Preto-MG. CNPD, FNUAP e ABEP. 2002.

APENDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNAS EGRESSAS DO PROJETO TRANSFORMANDO REALIDADES.

Orientanda: Maria da Penha S Nascimento

Orientador: Breno Henrique de Sousa

Roteiro de entrevista com as alunas egressas do Projeto Transformando Realidades desenvolvido pela ACAJAMAN - Associação Cultural e Agrícola dos Jovens Ambientalistas da Paraíba, que possuem a perspectiva de permanecer no meio rural, exercendo atividades vinculadas à agricultura.

- **IDENTIFICAÇÃO** ▪ (Nome, idade, contato, turma que frequenta ou ano de formação). ▪
- **CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FAMILIAR** ▪ (parentesco, idade, escolaridade e estado civil das pessoas que residem e/ou trabalham na propriedade rural).
- **ENDEREÇO** ▪ (Endereço completo, município, distância até a escola onde participa do projeto).
- **CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADE** ▪ (Área, origem, trajetória familiar – tempo de moradia na localidade, atividades desenvolvidas para a venda e para o consumo, distribuição do trabalho familiar na propriedade).
- **O PROJETO TRANSFORMANDO REALIDADES E A PROPRIEDADE** ▪ (Apoio e envolvimento da família durante a trajetória no projeto Transformando Realidades, mudanças na propriedade durante e após a experiência no projeto, espaço para aplicar os conhecimentos adquiridos, desafios e conquistas, atividades desenvolvidas e forma de trabalho na propriedade).
- **O PROJETO TRANSFORMANDO REALIDADES E A SUCESSÃO FAMILIAR** ▪ (Trajetória de vida, planos e pretensões para o futuro – continuar na propriedade, no meio rural, suceder? Motivações, potenciais sucessores na família, diferencial, influência e contribuição da formação no projeto para a perspectiva e/ou decisão de permanecer na propriedade, no meio rural e realizar a sucessão familiar, fatores que influenciam na decisão das jovens sobre o futuro e na decisão em suceder, fatores que caracterizam o que é ser “um bom agricultor”, desafios que existem em ser uma agricultora, opinião sobre a saída das jovens do meio rural e da agricultura – implicações e ações necessárias para favorecer a permanência destas, avaliação do trabalho desenvolvido pelo Projeto e ensinamentos que deixou na trajetória como estudante, cidadã, jovem, mulher e como agricultora ou futura agricultora).
- **O PROJETO TRANSFORMANDO REALIDADES E GÊNERO** ▪ (Experiências e vivências na propriedade e na agricultura de forma geral sobre a questão de gênero, envolvendo atividades realizadas, gestão, tomada de decisão, oportunidades (des) iguais, desafios que as mulheres ainda enfrentam enquanto “agricultoras” e “sucessoras”, condicionantes para a permanência ou saída das jovens mulheres do meio rural, (des)

motivações, sentimentos enquanto “jovem estudante ou egressa, mulheres, com a perspectiva de continuar no meio rural e/ou se tornar uma sucessora na agricultura familiar”). **Perguntas propostas as alunas participantes do projeto**

1. Gênero
2. Faixa etária
3. Nível de escolaridade
4. Ocupação
5. O que motivou sua participação no projeto?
6. Quando ingressou na associação?
9. Qual o papel e a importância da associação?
10. Tem interesse em permanecer no campo?
12. Se sim, foi a partir do projeto que impactou nessa sua decisão?

Obrigada pela participação!!

APENDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS GESTORES DO PROJETO TRANSFORMANDO REALIDADES.

Orientanda: Maria da Penha S Nascimento

Orientador: Breno Henrique de Sousa

Roteiro de entrevista com a assessora técnica do projeto e também coordenadora da associação

▪ **IDENTIFICAÇÃO** ▪ (Nome, sexo, idade, formação, contato, tempo de CFR e na função de gestor/a).

▪ **FUNDAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO TRANSFORMANDO**

REALIDADES ▪ (Endereço, nível de ensino ofertado, data de fundação e objetivo da implantação, manutenção, número de jovens formados, turmas e alunas matriculadas em 2024 (idade e município de residência).

▪ **TRAJETÓRIA E FUNÇÃO NA E DA ACAJAMAN - PB** ▪ (Motivações, desafios e perspectivas, função desempenhada, propósito do Projeto em existir, melhorias necessárias, processo de construção do conhecimento (instrumentos, método de ensino), divulgação, trabalho desenvolvido em termos de preparo e possibilitando à permanência dessas jovens no campo (dia a dia, disciplinas, etc.), envolvendo pais, alunos e professores, mudanças percebidas nas alunas em termos de crescimento, amadurecimento e mudança de hábitos, motivos que levam as jovens a permanecer ou sair do meio rural e os desafios dos mesmos em realizar o desenvolvimento da autonomia e a sucessão familiar das propriedades rurais, questões de gênero e como as mesmas são abordadas no Projeto, desafios que as mulheres ainda enfrentam no exercício da agricultura e na sucessão familiar.

Perguntas destinadas ao presidente da associação

1. Quando e como começaram os trabalhos da associação?
2. Quais são os objetivos da associação?
4. Como está composta a associação?
5. Que estratégias são adotadas pela associação para atrair a participação e fomentar a permanência de jovens mulheres no Campo?
6. Quais são os projetos, cursos e oficinas desenvolvidas pela associação no momento?
7. Como a associação tem trabalhado a Educação no Campo nas atividades?
8. Quais foram os desafios e as conquistas da associação?

Obrigada pela participação!!

APENDICE C TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Orientanda: Maria da Penha S Nascimento

Orientador: Breno Henrique de Sousa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: EDUCAÇÃO DO CAMPO E A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DAS MULHERES DO CAMPO: O CASO DO PROJETO “TRANSFORMANDO REALIDADES”, desenvolvida por Maria da Penha S Nascimento, aluna do curso de Graduação de Pedagogia – Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação do Professor Breno Henrique Sousa. Com o objetivo de como analisar como a Educação no Campo no projeto “Transformando Realidades” contribui para o desenvolvimento da autonomia das jovens mulheres no campo e de que forma esse modelo de educação colabora nesse sentido, com um estudo de caso do projeto realizado na ACAJAMAN - PB com alunas do ensino fundamental especificamente no Sítio Antônio em Alagoa Nova – PB.

Desse modo, ao estabelecer como protagonistas do estudo: jovens estudantes mulheres que possuem a perspectiva de permanecer no meio rural, exercendo atividades vinculadas à agricultura, com situação definida ou encaminhada de sucessão, estamos convidando-o (a) a participar da pesquisa.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista à pesquisadora e os dados a serem coletados estão relacionados a relação do Projeto Casa Familiar Rural.

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora. Sendo a entrevista gravada somente para a transcrição das informações e somente com a sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

☐ Autorizo gravação ☐ Não autorizo gravação

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de representar as jovens estudantes e egressas do Projeto Casa Familiar Rural, destacando o papel desempenhado pela instituição no que tange o fortalecimento da autonomia feminina no campo e a sucessão rural.

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador.

Desde já agradeço sua participação!

Eu, _____ declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Data: _____.

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Maria da Penha S Nascimento
E-mail: marianscacademico@gmail.com
Contato: (83) 98772-8267

APENDICE D TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE IMAGENS

Orientanda: Maria da Penha S Nascimento

Orientador: Breno Henrique de Sousa

Eu, (_____), AUTORIZO a Maria da Penha da Silva Nascimento, responsável pela pesquisa intitulada: (EDUCAÇÃO DO CAMPO E A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DAS MULHERES DO CAMPO: O CASO DO PROJETO “TRANSFORMANDO REALIDADES”) a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de foto ou vídeo com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. A pesquisadora responsável (Maria da Penha da Silva Nascimento), assegurou-me que os dados serão armazenados em meio em computador, sob sua responsabilidade. Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Eu, _____ declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Data: _____.

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Maria da Penha S Nascimento

E-mail: marianscacademico@gmail.com

Contato: (83) 98772-8267